

RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE A PARTIR DOS *BLACK BLOCS*: UM CAMINHO PARA O ENTENDIMENTO DA DINÂMICA SOCIAL ATUAL

FABRÍCIO DE OLIVEIRA FARIAS¹; LARISSA PATRON CHAVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – fabricao.farias@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um recorte da dissertação de mestrado em andamento. Buscando adequar-se à temática do evento, optou-se por realizar uma abordagem breve acerca dos *Black Blocs* e suas relações de sociabilidade, na intenção de demonstrar a relevância do pensamento crítico e da pesquisa científica na área de História para o entendimento dos contextos sociais em nosso país.

A análise dos protestos que tomaram o Brasil a partir de junho de 2013, e se estenderiam pelos próximos três anos, passa inerentemente pela investigação das relações de poder que compunham a sociedade naquele momento. A mudança de tom nas performances de enfrentamento e reivindicação é digna de nota nesse sentido. Dentre os grupos que formavam a massa de manifestantes estavam os *Black Blocs*, conjuntos de indivíduos que adotavam uma estética, organização e dinâmica de enfrentamento próprias, empregando performances violentas como depredação de patrimônio e confronto com as forças de repressão. Tais grupos eram formados a partir de pequenos blocos, em grande parte por pessoas que se conheciam mutuamente, o que facilitava sua dinâmica de comunicação em situações de protesto, onde as decisões deveriam ser tomadas de forma célere. As relações de sociabilidade no interior desses conjuntos heterogêneos de pessoas fazem surgir dois problemas: [I] quais fatores podem levar grandes conjuntos de pessoas a arriscar sua integridade física por um ideal e [II] como essas relações norteiam o grupo.

A título de hipótese, a partir da análise das relações de poder, pensaremos a quebra de paradigmas vinculada a problemática da indignação. Grupos que se utilizam de ações diretas com uso de violência, em sua grande maioria, não tomam suas atitudes como violência, mas como um direito de resposta. Segundo Michel Maffesoli, “[...] o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social.” (MAFFESOLI. 1987, p. 15) De forma que não há a necessidade de uma justificativa, ou mesmo de um rótulo para essas ações. A análise da influência das relações de poder nas interações dos indivíduos no ambiente social concede um caminho a seguir, que pode nos levar a um melhor entendimento das dinâmicas de enfrentamento em situações limítrofes. Em tais momentos, no extremo da indignação, ocorre uma quebra de paradigmas, uma inversão de determinadas concepções. A influência de grandes instituições, nessas ocasiões, é suplantada por uma nova identificação, o que nos permite conceber que uma motivação comum fornece uma nova coragem em grupos de indivíduos. Desta forma, ações que antes eram impensáveis, tornam-se agora parte do horizonte do possível.

Segundo a análise de Céli Pinto:

Se o MPL deliberadamente recusou qualquer possibilidade de se tornar um elo em uma cadeia de equivalência, que o poderia levar inclusive à posição de um

significante vazio, os Black Blocs também tinham um discurso que se impunha pela diferença, pela impossibilidade de construir equivalência com os demais atores nas ruas. Seu discurso era a luta contra o capitalismo e seus símbolos, suas ações eram de enfrentamento físico com as forças policiais. Não havia demanda como no caso do MPL, mas uma performance que os isolava de qualquer outro grupo ou manifestantes individuais. (PINTO. 2017, p. 134)

Os grupos que adotavam a tática *Black Bloc* eram formados a partir de pequenos blocos, de maneira a facilitar a comunicação entre seus membros em um ambiente onde a tomada de decisão não pode tomar muito tempo. A dinâmica funcionava de uma maneira completamente diferente das massas de pessoas que saíam às ruas para protestar. Os *Black Blocs*, como dito por Pinto, não tinham uma pauta clara pela qual lutavam, mas estavam contra o próprio sistema, a própria máquina do capitalismo que para eles seria responsável por todos os males da sociedade através dos quais haveria indignação em primeiro lugar. Sobre a indignação, a análise de Fernando Oliveira, embasada em Espinosa, nos é útil, agregando ao contexto explorado:

A indignação, que Espinosa define como o ódio sentido por alguém contra quem fez mal a um terceiro, pode ser posta, na vida ordinária, como um ódio sentido por alguém em relação a um mal cometido contra ele mesmo. Alguém pode se sentir indignado contra alguém que desdenhosamente o insulta e que merece receber de volta o insulto; além disso, pode-se denominar “indignação” o que se sente quando se vê alguém insultando desdenhosamente outra pessoa. (OLIVEIRA. 2020, p. 40)

Tais análises sobre os acontecimentos de 2013 passam necessariamente pelas relações de poder, que, no escopo deste trabalho, são melhor descritas pela analítica do poder de Michel Foucault. O filósofo o entende não como algo centralizado – que emana de algum local específico na sociedade – mas algo que permeia todo o corpo social e dita suas interações nas bases de relações heterogêneas entre diferentes estratos societários. “O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” (FOUCAULT. 2014, p. 12), de modo que não existe uma figura centralizada que o represente, mas sim *micro poderes* que permeiam toda a sociedade.

2. METODOLOGIA

As relações de poder no interior dos grupos que utilizam a tática *black bloc* precisam ser pensadas em paralelo com suas relações de sociabilidade, tanto internamente, quanto nas relações externas a eles. Sobre a sociabilidade, utilizamos a conceituação de Georg Simmel, que define sociabilidade da seguinte maneira:

[...] “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL. 1983, p. 168)

Então, as interações entre indivíduos na sociedade – a sociabilidade – ganham vida própria no sentido de que tais interações são a base do mecanismo que a mantém em funcionamento. As relações de poder passam pelas de sociabilidade, e vice-versa. É natural que as interações sociais entre grupos desenvolvam-se com o tempo de forma independente do meio em que vivem, mas não se pode deixar de leva-lo em consideração. O contexto da época em que vivemos dita nossos costumes, nossas ideias, nossas relações pessoais. François Hartog discorre sobre uma conceituação acerca deste fenômeno, um processo que ele chama “regime de historicidade” (HARTOG. 2003). Os regimes de historicidade definem o tempo das sociedades, “tempo” aqui entendido não como uma marcação temporal, mas no sentido de periodização. As sociabilidades são marcadas por esses tempos, fazendo com que as relações entre indivíduos sejam impregnadas por eles e funcionem em prol e por causa deles.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises acerca dos *Black Blocs* e dos protestos em 2013 fazem parte do escopo de uma História do Tempo Presente, por serem um assunto atual e cujos processos ainda estão em curso em grande parte. As relações entre indivíduos que formavam os pequenos blocos demonstraram um escopo completamente novo nas sociabilidades. Ao demonstrar que a ação direta poderia levar a patamares diferentes daqueles a que levavam outras formas de protesto, mais e mais indivíduos se tornavam adeptos da tática, modificando a forma com que interagiam com outras pessoas e com a sociedade ao seu redor. O regime de historicidade que vivemos, em muito, deve-se a ação de tais grupos. Realidades foram transformadas, paradigmas foram subvertidos, ações foram tomadas.

Partindo da concepção de resistência, as formas com que grupos sociais hoje em dia “resistem”, tem bastante a ver com a concepção adotada pelos adeptos do *Black Bloc*. A resistência deve ser organizada, fluída, dinâmica, mas principalmente, ela deve possuir sociabilidade, pois é a partir dela que se tornará democrática e deixará seus membros motivados e prontos para agir. É preciso ter em conta que a dicotomia entre sociabilidade formal/informal, na prática, é demasiado forçada, uma vez que as duas são extremos de um fluxo contínuo de polos teóricos. Segundo Javier Escalera, as expressões de sociabilidade formam um sistema que integra todas as formas de interação social. Escalera ressalta que é importante para uma análise científica sobre sociabilidade entender que as relações interindividuais que emanam da sociabilidade não são nunca *amorfas*, respondem a uma estrutura que as condiciona e determina. (ESCALERA, 2000) Como abordamos anteriormente em Hartog – e relacionando agora com Escalera – as relações de sociabilidade são pautadas por regimes de historicidade que as moldam.

4. CONCLUSÕES

Analisar as relações de sociabilidade em nosso passado recente revela que ainda há muito a ser deslindado, o que torna importante que a História do Tempo Presente aborde os acontecimentos também por este viés. Os desenvolvimentos que temos até este momento sobre como nossa sociedade chegou na conjuntura atual – polarizada e temerosa – são apenas um vislumbre da figura total, mas nos

permitem ao menos iniciar um entendimento sobre como devemos agir para evitar os erros do passado. Tais desenvolvimentos apenas são possíveis através do empenho de pesquisadores e pesquisadoras comprometidos com a pesquisa séria e o pensamento crítico, dos quais as universidades brasileiras são vetores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCALERA, Javier. Sociabilidad y Relaciones de Poder. **KAIROS**. Revista de Temas Sociales, Universidad Nacional de San Luis, San Luis, Argentina, ano 4, n. 6, 2000. Disponível em: <<http://www.revistakairos.org/sociabilidade-y-relaciones-de-poder/>> Acesso em 05/01/2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HARTOG, François. Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo. **Revista de História**, n. 148, pp. 9-34, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18952/21015>>. Acesso em 12 out. 2020

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia. Sobre a indignação: Brasil, junho de 2013. **Revista Estudos Libertários**, UFRJ, vol. 2, n. 5, p. 34-58, 2º sem. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/36233/19955>>. Acesso em 17 jul. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, São Paulo, n. 100, p.119-153, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452017000100119&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 16 jul. 2020.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Georg Simmel**. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo). São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34)